

O EVANGELHO APÓCRIFO DE JUDAS COMPROVA A CREDIBILIDADE DOS TEXTOS CANÔNICOS SOBRE A HISTÓRIA DE JESUS

LUIZ ROBERTO DOS SANTOS
pastorluiz@pibneves.com.br

Mestre em Teologia (Novo Testamento). Professor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e do Seminário Teológico Batista de Niterói. Autor do livro “O que é Igreja” e co-autor de “Reforma: passado e presente”, editados pela MK editora. Pastor da Primeira Igreja Batista de Neves, RJ.

Conferência proferida na Semana Teológica promovida pelo Seminário Teológico Batista de Niterói em maio de 2006.

❖ Introdução

Em grande estilo hollywoodiano, a National Geographic Society lançou na mídia mundial o Evangelho de Judas. Uma descoberta de grande interesse para as ciências bíblicas. Embora seu lançamento tenha sido produzido de forma sensacionalista, provocando polemizar a figura de Judas na tradição cristã. Afirma ter encontrado uma nova versão para a traição de Judas, atribuindo ao documento o mesmo valor histórico das conhecidas narrativas dos Evangelhos da Bíblia. Assim, a National Geographic alcançou um recorde de audiência em sua programação televisiva. Conseguiu contratos de exclusividade com emissoras de televisão, revistas e jornais no mundo inteiro. Sua edição de maio foi a mais vendida nos últimos anos.

Preocupada em obter lucro e retorno do investimento feito na pesquisa de um manuscrito copta que estava se desmanchando em um cofre bancário, a reportagem da National Geographic mistura a seriedade científica com a irresponsabilidade jornalística. Mistura a credibilidade técnica dos arqueólogos com a publicidade distorcida e tendenciosa. Distorce os fatos, direciona a polêmica e aguça o imaginário das pessoas. O comentário mistura fatos e ficção. É o espírito virtual do mundo do século XXI. Vive-se um jogo de RPG, onde verdade caminha com a mentira, o bem se confunde com o mal, o certo também é o errado. A vida real se torna uma novela global. Nossa fé tem base histórica? Ou nossa história é fruto da fé imaginária do ser humano?

Este pequeno comentário procurará retomar alguns pontos da visão teológica sobre o documento copta, seu valor para o estudo bíblico e, ao mesmo tempo, pensar teologicamente sobre o poder da comunicação de massa hodierna, que detém o poder de exaltar ou execrar quem quer.

❖ Muitos evangelhos

Ao iniciar sua narrativa a respeito dos ensinamentos e fatos sobre Jesus, o evangelista Lucas escreve:

Visto que MUITOS têm empreendido fazer uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, segundo no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra, também a mim, depois de haver investido tudo cuidadosamente desde o começo, pareceu-me bem, ó excelentíssimo Teófilo, escrever-te uma narração em ordem, para que conheças plenamente a verdade das coisas em que foste instruído (Lucas 1.1-4).

Não é surpresa a existência de vários evangelhos. Lucas declara conhecer outros textos que relatam os acontecimentos a respeito da morte de Jesus. Foi esta multiplicidade de textos que levou Lucas a organizar seu material com a finalidade de levar seu destinatário ao pleno conhecimento da verdade.

O Evangelho de Lucas foi escrito nos anos 60 da era cristã. Circulou nas décadas seguintes em toda a Europa. Foi usado pelas comunidades cristãs do segundo século como preservador das tradições dos apóstolos. Ele surge exatamente do período em que os principais líderes da mensagem cristã, os apóstolos, tinham sido mortos. Também diante do acelerado crescimento das comunidades cristãs em todas as cidades do Império Romano. Esta expansão do evangelho ocorre durante a guerra judaico-romana que culminou com a destruição de Jerusalém.

Possivelmente, Lucas utilizou fontes escritas, fragmentos sobre Jesus e fontes orais da tradição apostólica, tanto de testemunhas oculares quanto de pregadores do evangelho de Cristo. Seu texto foi produzido em época de perseguição. Os cristãos foram perseguidos, tanto pelos judeus como pelos romanos. Proibidos de ensinar e falar sobre Cristo. Os textos cristãos, então, foram considerados agressivos à lei judaica e agressivos à política romana. Muitos foram confiscados e destruídos. Quantos evangelhos escritos sobreviveram, porém?

❖ Os Evangelhos canônicos

Em o Novo Testamento, encontramos quatro Evangelhos — Mateus, Marcos, Lucas e João. Apesar disso, algumas tradições das palavras de Jesus são também encontradas nas cartas de Paulo e de Pedro. São os “ágrafos”, ditos de Jesus não registrados nos evangelhos canônicos.

A palavra evangelho é transliteração do grego que significa “uma boa mensagem”, “boas novas” ou “boa notícia”. Mas, o importante é conceituar o gênero literário “evangelho”. Evangelho não é uma biografia a respeito de Jesus, embora se possa recuperar aí fatos de sua vida. Evangelho é um gênero literário que conta a morte e a ressurreição de Jesus como eventos redentores de Deus na história humana. Tanto a vinda, como a morte e ressurreição de Jesus como Messias estavam apresentadas nas profecias do Velho Testamento. Então, “evangelho” é o anúncio de que as promessas de salvação e redenção humanas aconteceram por meio da morte e ressurreição de Jesus.

Nenhum dos evangelhos do Novo Testamento conta detalhes sobre a infância de Jesus e de seus discípulos. Os eventos relacionados e agrupados serviram para preservação dos fatos que geraram a pregação das “boas novas” do plano de Deus na pessoa de Cristo. Esses evangelhos circularam de forma independente e cada comunidade possui a sua própria coleção de textos e tradições evangélicas.

O problema é que a fé cristã em seus primeiros três séculos atingirá rapidamente todas as nações de diferentes etnias, religiões, culturas e línguas. Os textos, originalmente em grego, seriam traduzidos livremente sem orientação técnica para os diversos idiomas como o copta, no Egito, o latim, na Itália, o siríaco, na Ásia, e, dessas línguas, o evangelho foi traduzido para o armênio, etíope e outros idiomas. Esses textos não evocam para si qualquer poder espiritual ou de uma revelação esotérica, como nas religiões gregas de mistérios. Jesus não deixou suas mensagens escritas. Lucas apela pela seriedade de uma pesquisa histórica e metodologicamente correta. João declara que Jesus operou muitos outros sinais, mas que aqueles preservados em seu Evangelho foram escritos para levar seus ouvintes à fé em Jesus, como Filho de Deus (João 21.24-26):

Este é o discípulo que dá testemunho destas coisas e as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro. E ainda muitas outras coisas há que Jesus fez; as quais, se fossem escritas uma por uma, creio que nem ainda no mundo inteiro caberiam os livros que se escrevessem.

Essas palavras permitiram que a tradição cristã, longe dos grandes centros do cristianismo, construísse histórias populares sobre a infância de seu grande herói Jesus. Também que as religiões gnósticas (movimentos sincretistas que conjugavam tendências de todas as religiões e filosofias) produzissem escritos doutrinários utilizando

as narrativas dos evangelhos canônicos. Assim, pode-se concluir:

- ✚ A fé cristã do segundo século, ainda não dispunha de uma coleção definitiva e normativa para os crentes e igrejas;
- ✚ Cada comunidade reproduzia e transmitia o evangelho e construía sua própria teologia diante das dúvidas e problemas que surgiam diariamente entre seus membros.
- ✚ Pensadores debatiam e discutiam os diversos assuntos concernentes à pessoa de Cristo e sobre a salvação eterna. Também sobre a conduta social dos cristãos.

❖ **A literatura cristã**

O crescimento das comunidades cristãs ocorre sem uma organização centralizada, uniformizada e institucionalizada. Os grupos eclesiais nascem de forma espontânea. Eles se reúnem pela experiência da mensagem do evangelho e passam a viver uma nova experiência em cada realidade cultural. Assim a tradição cristã começa a receber um universo de escritos, cartas, opúsculos, sermões, catequeses, ensinamentos, doutrinas a respeito da pessoa de Jesus e dos assuntos relacionados à fé cristã. O cristianismo alcança sua independência do ambiente judeu. Ele reveste-se das mais diversas línguas do mundo greco-romano. Passa a explicar sua fé nas tensões do pensamento e religiosidade pagãs.

Com o surgimento das igrejas espalhadas na Ásia, Europa e África, o cristianismo vai conhecendo movimentos internos e heresias vão tentando modificar a essência do evangelho. Paulo escreve aos Gálatas, advertindo sobre um hetero-evangelho (Gl 1.5). As cartas não paulinas também advertem contra heresias no seio de suas comunidades. Surgem os apologistas que procuram mostrar o evangelho e sua mensagem diante de distorções e equívocos provocados pela influência de religiões místicas e esotéricas do pensamento da época. Os cristãos também são mal interpretados em sua fé diante da poder político e são considerados inimigos do Império, provocando uma perseguição sangrenta contra aqueles que confessavam sua fé em Cristo.

❖ A literatura cristã apócrifa

Nesse período, escritores cristãos mencionam a existência de uma farta literatura produzida a partir do terceiro século. Muitas são fruto da imaginação humana tentando completar ou recontar os evangelhos universalmente aceitos — Mateus, Marcos, Lucas e João. Muitos desses textos desapareceram; outros foram abandonados pela própria comunidade. Alguns desses textos podem ser recuperados por meio de citações em outros escritos.

Essa literatura foi denominada de “apócrifa”. Esta palavra vem da expressão grega *apo krypto*, que significa “algo escondido ou oculto”. Otero explica que, na antigüidade, este termo serviu para designar os livros que se destinavam ao uso privado dos adeptos de uma seita ou a iniciados em alguma religião de mistério. Depois, esta palavra veio a significar um livro de origem duvidosa, cuja autenticidade era questionada. Entre os cristãos se designou com esse nome certos escritos cujo autor era desconhecido e desenvolveu temas ambíguos, se bem que se apresentavam com um caráter de texto sagrado. Por essa razão, o termo apócrifo veio, com o tempo, a significar escritos sujeitos de heresia ou, em geral, pouco recomendável. (1984, p.31)

Eles desempenharam um grande papel na cultura popular nos primeiros séculos do cristianismo. A imaginação oriental e a atração por tudo que é extraordinário, misterioso e legendário, encontraram terreno nas lacunas deixadas pelos evangelhos canônicos em relação a muitos detalhes da vida de Jesus. São historietas cheias de ficção e folclores como Jesus, aos cinco anos, transformando bonequinhos de barro em pássaros, Jesus amaldiçoando um menino que morre em seguida, Jesus, ainda menino, libertando um coleguinha aprisionado pelo pai por um pequeno orifício na parede. São contos infantis que foram rejeitados pelo bom senso e respeito à mente humana.

A partir do segundo século, encontra-se uma verdadeira biblioteca de textos produzidos nas diversas regiões do Império Romano. Evangelhos, Cartas, Epístolas e Apocalipses. Muitos desses textos fizeram parte dos primeiros catálogos ou coleções de escritos cristãos que circulavam nas igrejas da Ásia, Oriente, África e Europa. Não só em grego, mas latim, copta, siríaco, armênio e outras línguas.

As comunidades cristãs primitivas eram ávidas em conhecer coisas novas sobre a pessoa de Jesus, sua vida e mensagem. Um verdadeiro acervo das histórias de Jesus

foi sendo enriquecido e diversificado ao passar de boca em boca e de região a região, até que foi cristalizado na literatura apócrifa amparada com os pseudônimos das testemunhas da vida de Cristo: Pedro, Felipe, Tiago, João etc

A ingenuidade do povo crédulo, porém, foi uma fonte para os movimentos que buscavam autoridade junto às comunidades por meio de revelações e experiências esotéricas, principalmente das doutrinas gnósticas, docéticas, encratísticas ou maniqueístas. (OTERO, p.32)

❖ Os evangelhos apócrifos

Só de evangelhos são mais de trinta. A maioria é conhecida pelas citações dos Pais da Igreja e por fragmentos textuais da literatura cristã. São textos fragmentados ou por citações, ou por fragmentos em papiros ou pergaminhos descobertos a partir do século XVIII.

Considerados uma subliteratura, muitas tradições do cristianismo ocidental são originárias dos textos apócrifos da vida de Jesus. As festas e datas religiosas, as histórias sobre a infância de Jesus e dos apóstolos foram forjadas pela cultura e imaginário popular. Textos que contam histórias sobre o nascimento de Jesus: Proto-evangelho de Tiago, Evangelho Pseudo-Mateus, Livro da natividade de Maria, Extratos do livro da Infância de Jesus, e outros.

Textos sobre a infância de Jesus: Evangelho do Pseudo-Tomé, Evangelho árabe da Infância de Jesus, História de José, o Carpinteiro, Evangelho armênio da infância de Jesus, Livro da Infância do Salvador. Documentos sobre a paixão e ressurreição de Jesus: Evangelho de Pedro, Cartas de Pilatos, Evangelho de Batolomeu. E textos sobre a assunção de Jesus: Livro do Evangelista João, Livro do bispo João de Tessalônica, Narrativa de José de Arimatéia.

Os Evangelhos apócrifos são tardios e textos construídos para divulgar uma doutrina. Trata-se de textos doutrinários (em sua maioria, gnósticos) que se fundamentam na tradição apostólica e de textos da tradição sinótica. Logo esses textos acabam asseverando uma historicidade e autoridade nos textos do primeiro século. Desta forma, destacam-se as seguintes características:

- ✚ Grupos sectários constroem seus textos sobre personagens e ditos oriundos de uma tradição escrita recuperam personagens como Tomé, Judas, Maria Madalena e outros conforme textos canônicos;
- ✚ Eles Apenam a uma experiência de revelação particular. São ensinamentos como se fossem transmitidos por Jesus, de caráter oculto e secreto para alguns de seus discípulos. Ver Tomé, Judas e Maria Madalena;
- ✚ Seus textos evocam um tratamento espiritual e sagrado, enquanto os que serviram para a construção do cânon, não possuem dados de busca de uma autoridade especial ou revelatória esotérica;
- ✚ Esses textos eram mais conhecidos e circulavam junto com as demais tradições. Todos mostram dependência e conhecimento dos 4 evangelhos do Novo Testamento. Eram escritos no próprio dialeto materno da comunidade, assim gozavam de reverência e privilégios entre os fiéis;
- ✚ São narrativas que não atacam os canônicos, mas tentam preencher as lacunas históricas sobre a vida de Jesus, seus pais e discípulos. Muitas obras tentavam justificar questões teológicas, principalmente sobre a divindade e humanidade de Jesus.

❖ **Evangelhos apócrifos considerados perdidos até século XX**

Textos citados por escritores cristãos a partir do final do século 2º, desaparecidos e desconhecidos desde o século 5o.: evangelho aos Hebreus, evangelho dos nazarenos, evangelho dos doze (ebionitas), evangelho dos egípcios (1945), evangelho ou tradições de Matias, evangelho de Tomé (1945?), evangelho de Filipe (1945), evangelho de Pedro, evangelho dos adversários da Lei e dos Profetas, memórias dos apóstolos, evangelho de Apeles, nascimento de Maria, evangelho de Judas Iscariotes, evangelho de Eva, ascensão de Tiago, evangelho vivo, perguntas de Maria, evangelho da perfeição, evangelho de Basíledes, evangelho de Marcião, e diversos outros fragmentos papiáceos.

❖ **Evangelhos apócrifos encontrados**

Entre as descobertas arqueológicas feitas no último século, destacam-se os textos de Nad Hammadi, os textos de Qumran, e o texto copta de Judas. Entre os manuscritos descobertos em Nag Hammadi, no Egito (1945), estão alguns evangelhos apócrifos, como o “Evangelho de Tomé”, o “Evangelho da Verdade” e o “Evangelho de Filipe”. Entre os manuscritos de Qumran, na Palestina (1947), não foram encontrados documentos cristãos, mas manuscritos do judaísmo primitivo, até então desconhecidos, junto com textos do Antigo Testamento.

No entanto, a descoberta de um texto copta em El Minya, no Egito (1978), atribuído ao perdido evangelho de Judas, citado por Irineu e outros Pais da Igreja, reavivou a polêmica sobre a credibilidade da tradição cristã sobre Jesus e seus discípulos.

❖ **A descoberta do evangelho perdido de Judas (1978)**

Trata-se de um manuscrito em copta, datado do século 4º. d.C. Foi descoberto provavelmente em 1978, no deserto egípcio de El Minya. Circulou entre vendedores de antigüidades, até chegar à Europa e, depois, aos Estados Unidos, onde permaneceu no cofre de um banco por 16 anos. Já quase deteriorado, foi comprado em 2000 pelo antiquário Frieda Nussberger-Tchacos. O antiquário entregou o manuscrito à fundação “Maecenas Foundation for Ancient Art”, em Fevereiro de 2001, com o objetivo de o preservar e traduzir. Após a restauração do documento, a National Geographic, uma das parceiras na reconstrução, tradução e datação do manuscrito, publicou (2006) o conteúdo desse manuscrito como sendo o autêntico Evangelho de Judas, perdido deste o século 3º. d.C.

❖ **O Evangelho de Judas antes de sua publicação**

O Evangelho de Judas não era um documento desconhecido dos cientistas bíblicos. Sua existência, seu conteúdo e a comunidade que produziu o manuscrito já eram estudados antes de sua publicação. Também é um documento que somam há uma variedade de outros textos com a mesma preocupação doutrinal de grupos gnósticos dos séculos 2º. e 3º. da era cristã.

Irineu (160 d.C.) menciona a existência desse documento, chamando atenção de sua comunidade, dos falsos ensinamentos apresentados na comunidade egípcia — “... eles (cainitas) dizem que Judas, o traidor, conheceu estas coisas e que somente por haver conhecido antes dos outros a verdade, consumou o mistério da traição [...] Esse estilo de ficção chamam de Evangelho de Judas”.

Epifânio (403 d.C.) escreveu: “... afirmam que, por esta razão, conheceu Judas exatamente o conteúdo destas coisas. Defendem também que são descendentes dele (Judas), o qual assume o grau maior da gnosis, até o ponto de prepararem um opúsculo com o seu nome, intitulado de Evangelho de Judas”.

Teodoreto de Ciro (466 d.C.) comentou: “... dizem conhecer também um evangelho (de Judas), composto por eles, pois dizem que ele recebeu o laço como paga de sua traição”.

Embora perdido, a existência desse documento já era conhecida e também a natureza da comunidade que adotou o texto como doutrinal para seus fiéis. Logo, o Evangelho de Judas passa a constituir prova documental primária, das informações secundárias obtidas pelos primeiros líderes das comunidades cristãs do segundo século.

❖ Os cainitas e seu Evangelho de Judas

Os cainitas constituíam uma comunidade gnóstica. Gnosticismo (do grego gnosis, “conhecimento”) foi um sincretismo religioso antigo e presente até os dias de hoje, sempre de caráter esotérico (eso “dentro”, em grego, e esoterikos, “iniciados”), ou seja, que creditava a uns poucos a iluminação espiritual por meio de estudos ocultistas. Logo, esse texto trata de uma visão esotérica do cristianismo.

Irineu escreve, em 160 d.C., sobre os judeus cristãos gnósticos do Egito. Dentre o gnosticismo antigo, estes eram os mais libertinos. Tomaram o nome de Caim, por identificarem-se com esta personagem bíblica, a mais alta potência e a força mais consistente do mundo. No relato bíblico, Caim foi o primeiro homicida. Para os gnósticos, foi o primeiro a libertar um espírito da matéria (corpo humano).

Os cainitas encontraram na história narrada pelos evangelhos sinóticos um ambiente favorável para divulgar suas doutrinas. O crescimento do cristianismo e a queda da religiosidade pagã provocaram o surgimento de um sistema religioso

sincretista que recebia qualquer expressão de fé e iniciava as pessoas no conhecimento a partir de uma concepção dualística do universo.

A visão gnóstica da morte foi o principal argumento para aceitarem a fé cristã como desenvolvimento de seus ensinamentos. A doutrina gnóstica defendia a divisão cósmica entre duas naturezas (a espiritual e a terrena). Acreditavam que a natureza espiritual era eternamente boa, enquanto a matéria era de natureza essencialmente má. Eles explicavam que a vida humana era o resultado do aprisionamento de um espírito pela matéria. Logo, o corpo é a prisão do espírito. E a morte era a libertação do espírito que sofre enquanto está na matéria (corpo). Assim, os judeus gnósticos encontraram na história bíblica de Caim o primeiro a compreender o segredo da morte. Assim chamados, cainitas, veneravam a figura de Caim como seu grande irmão.

Ao conhecerem a história de Jesus, apaixonaram-se pela sua morte, como proposta para a libertação do espírito da humanidade da escravidão do mal (matéria). Viram em Judas como o grande iluminado que compreendeu o mistério da morte, levando Jesus para seu propósito final e também provocou sua morte para encontrar com seu Rei no mundo espiritual. Este grupo gnóstico cristão, adotou Judas como o irmão maior da seita, por ter colaborado com a morte de Jesus. E pela sua fé em livrar-se de seu próprio corpo e do sofrimento da carne.

❖ **Jesus no misterioso Evangelho de Judas**

O texto começa como os demais documentos gnósticos. A narrativa apela para uma série de revelações e confissões secretas dirigidas a um discípulo específico. Assim é com o texto do Tomé, Maria Madalena e também com Judas. Jesus chama separadamente dos demais e revela seus segredos:

Esta é a conversa secreta da revelação que Jesus relatou a Judas Iscariotes durante uma semana, três dias antes da celebração da Páscoa. As narrativas acontecem nos últimos dias do ministério de Jesus, onde ele aparece quando seus discípulos estão reunidos ou em conversas secretas com Judas. Sua presença é mística, tomando a forma de uma criança, reforçando a ideia de um corpo espiritual e não terreno. Jesus tem um comportamento irônico diante da ignorância de seus discípulos quanto à compreensão da verdadeira divindade; ele aparece dando gargalhadas e irritando-os. Em suas palavras, não aparece a figura do Messias e o relacionamento com as Escrituras do

Velho Testamento. O texto não se preocupa em construir o ministério de Jesus, seus ensinamentos, sua morte e ressurreição. O texto termina com a traição de Judas e nada fala da morte e muito menos da ressurreição de Cristo.

❖ **A autenticidade do manuscrito copta**

O documento copta foi submetido a testes com rigor científico, como o Carbono 14. A análise da escrita copta revelou tratar-se de um autêntico documento do século 3°. Essas avaliações comprovaram o enquadramento histórico do cristianismo antigo, fortaleceram a credibilidade do cânon do Novo Testamento e documentaram as doutrinas gnósticas desenvolvidas naquele período. Assim o manuscrito de Judas na língua copta:

Confirma o enquadramento histórico do cristianismo do século 3°. da era cristã: A seriedade científica com que o documento copta foi avaliado e valorado garante sua autenticidade de ser um representante documental dos grupos minoritários e do pensamento gnóstico que influenciou várias regiões do Egito. Provavelmente é uma versão de um texto grego pseudo-epígrafo. Um texto doutrinal gnóstico produzido pelos líderes da comunidade sem ligação histórica com Judas ou Jesus.

Contribui para o fortalecimento do cânon do Novo Testamento: Este manuscrito ajuda a entender como as comunidades, mesmo antes de aceitar um grupo e livros normativos para a fé cristã (cânon do Novo Testamento), foram coerentes e críticas em provar e aferir os ensinamentos relacionados à pessoa de Cristo. Os ensinamentos passavam pelo crivo da mensagem apostólica. O cânon não foi um processo de exclusão de textos. As comunidades sem qualquer influência externa perceberam a necessidade de manter um padrão de fé diante de tantas distorções oriundas do paganismo. As centenas de textos produzidos nessas comunidades desapareceram pela sua própria incoerência histórica.

Esclarece as doutrinas gnósticas que tentaram atrair a fé cristã para um sincretismo religioso pagão. O evangelho apócrifo de Judas ilumina os erros e equívocos do gnosticismo no meio cristão a partir do século 2°. O documento mostra a fragilidade teológica desses grupos esotéricos e a razão do desaparecimento das comunidades cristãs.

❖ **A descoberta do manuscrito copta do Evangelho de Judas**

É uma vitória para os cientistas bíblicos e pesquisadores do mundo antigo. O texto apresenta uma prova documental sobre as comunidades religiosas do Egito na época áurea dos egípcios no comando do Império africano;

Fortalece os investimentos nas atividades arqueológicas e credibilidade paleontológica. Valoriza o investimento (um pouco tímido) nos estudos arqueológicos. Matéria-prima surrupiada por quadrilhas e contrabandistas de artefatos de civilizações antigas.

Apresenta prova documental do ambiente cristão dos séculos 3º e 4º: Esse documento copta, identificado como o possível Evangelho de Judas, citado por Irineu, restaura uma peça no quebra-cabeça do cristianismo dos séculos 2º e 3º, no ambiente gnóstico egípcio. Embora os dados anteriores tenham permitido a reconstrução do cristianismo africano, agora há uma prova documental que em nada altera o panorama conhecido das seitas gnósticas.

Apóia a historicidade dos evangelhos canônicos: O texto não foi escrito por Judas, nem tem herança apostólica. Nem tão pouco se refere a alguma tradição do primeiro século. Todas as construções dos diálogos foram construídas a partir das narrativas dos evangelhos canônicos. Isto é, os evangelhos sinóticos serviram de plataforma para a construção fictícia de um documento doutrinal gnóstico. Isto fortalece a universalidade dos canônicos das comunidades cristãs do século 2º d.C.

❖ **O sucesso da publicação do Evangelho de Judas**

A publicação desse manuscrito em relação a uma revisão da historicidade dos evangelhos sinóticos e as bases do Jesus histórico pode-se concluir:

O interesse mercadológico: revela que o poder e o interesse econômico nos meios de comunicação de massa está acima dos interesses sociais. A manipulação de fatos e imagens por meio da mídia exerce um papel relevante na formação da opinião pública;

Uma fé institucionalizada: mostra a fragilidade da fé cristã atual (católica e evangélica). As pessoas têm depositado suas convicções em instituições eclesiais ou

em líderes carismáticos e não no estudo sistemático da Palavra de Deus.

Uma tradição cristã folclórica: denuncia a necessidade de separar os fatos históricos, do imaginário, o folclórico e lendário dos eventos redentores de Deus em Cristo nas formulações doutrinárias do cristianismo atual;

Ignorância da história do cristianismo: detecta que os cristãos não têm interesse em estudar e conhecer a história do cristianismo no período pós-apostólico.

Um misticismo cristão: aponta para o interesse de um cristianismo místico e gnóstico atuante em várias tendências dos ensinamentos evangélicos. O valor das sensações e das emoções dominam sobre o pensamento e o bom senso da fé cristã.

❖ Judas na tradição cristã

A figura de Judas ao longo da tradição cristã tornou-se mitológica e lendária. O folclore cristão acabou criando algumas características produzidas mais pelo imaginário popular do que pela análise hermenêutica dos textos canônicos.

A figura de Judas é incorporada na tradição cristã quando cresce o anti-semitismo. A perseguição aos judeus pelo cristianismo da Idade Média associou o nome de Judas com “judeus” que assassinaram a Cristo. Também Judas personificou todo aquele que rejeita Jesus, como Senhor e Salvador, sendo sinônimo de inimigo de Cristo. Na inquisição do século XVI, Judas passa a ser um adjetivo de todos os que rejeitam a fé católica. No nazismo, os judeus são chamados de Judas. No ocidente, cresce a prática da malhação de Judas nas festas da Páscoa, pelos fiéis e crianças. Na cultura ocidental cristã Judas passa a ser sinônimo de traidor.

❖ Conclusão

A polêmica sobre a versão bíblica do apóstolo Judas diante descoberta de um texto do século 3º d.C., que apresenta uma interpretação gnóstica do papel de Judas na morte de Jesus, primeiro deve levar o estudante a repensar a hermenêutica bíblica e a leitura de gênero dos evangelhos e sua função de revelar os atos redentores de Deus na história humana por meio da encarnação, morte e ressurreição de Cristo. Segundo, reler as narrativas bíblicas dissociando-as de uma história construída pela tradição eclesial. E terceiro, compreender que a igreja não é detentora do Evangelho, mas o

Evangelho é guardador e protetor da igreja.

Hoje, o Jesus conhecido pelos evangelhos canônicos está sob pressão. São ataques de todos os lados. E estes escritos estão sendo recuperados e sendo confrontados com os textos canônicos, sempre com a preocupação de recuperar a figura real do Jesus da história. A literatura do judaísmo moderno tem procurado encontrar o Jesus judeu. Os protestantes, começando com a Escola alemã, têm procurado o Jesus histórico. O cristianismo católico tem procurado manter sua tradição de um Jesus que se aproxima mais dos apócrifos.

No fim dos anos vinte (há 80 anos), num livro intitulado “Jesus”, Rudolf Bultmann, professor, internacionalmente famoso da Universidade de Marburg, exprimiu o seguinte juízo:

Penso, na verdade, que agora já não podemos conhecer qualquer coisa sobre a vida e a personalidade de Jesus, uma vez que as primitivas fontes cristãs não demonstram interesse por qualquer das duas coisas, sendo, além disso, fragmentárias e muitas lendárias, e não existem outras fontes sobre Jesus. (Charlesworth, p.20)

A busca do Jesus histórico detonou o estudo de toda uma literatura desprezada e alijada dos estudos da teologia cristã. As descobertas feitas após a Segunda Guerra Mundial trouxeram, também, novas oportunidades para encontrar maiores informações sobre a história de Jesus.

Desde a publicação do texto copta do Evangelho de Tomé (anteriormente só se encontravam fragmentos papiráceos), mais de 500 publicações saíram no mercado sobre o assunto. Até Kurt Aland, responsável da comissão da União das Sociedades Bíblicas, incluiu o texto de Tomé em sua Sinopse.

Um texto considerado tardio, derivativo e gnóstico tem sido reestudado com base nas ciências literárias e encontrando vestígios: 1. os ditos de Jesus relembram o documento hipotético “Q”; 2. contêm ditos não dependentes dos canônicos.

Fica evidente que todos os textos posteriores nascidos no ambiente gnóstico cristão do segundo século tomaram suas bases históricas de textos e tradições do primeiro século.

Os cristãos, somos participantes de uma religião do livro de misteriosas revelações? A Bíblia está para o cristão, como o Alcorão está para os islâmicos? Ou a Torah para os judeus? Não! Os judeus nascem sob da Torah. Mas o cristianismo nasce de uma experiência de fé em um ato redentor de Deus na história humana. A igreja nasce sem bíblia. A igreja nasce sem texto. A igreja nasce e vive sem regulamentação escrita. Mesmo depois de 300 anos, o surgimento do cânon cristão, os textos bíblicos não alcançam as comunidades locais, somente por meio dos cânones eclesiásticos. Somente no século XVII o texto torna-se popular e acessível às pessoas e comunidades locais.

Uma análise crítica literária dos textos canônicos, certamente eliminaria muitos deles. Lutero fez isso. Trata-se nos púlpitos textos mais inspirados que outros. Certamente encontraríamos melhores textos e documentos que poderiam entrar na construção do cânon. Aqui está o impacto na fé cristã. Ninguém consegue tirar um texto da Bíblia, e ninguém consegue acrescentar outros textos na Bíblia. Em sua fragilidade ela simplesmente existe! Olhando a história da salvação, nos atos e palavras reveladoras de Deus ao mundo, aceito que:

Não é a igreja portadora e detentora do evangelho. Mas, o evangelho é portador e detentor da igreja. Não podemos nos orgulhar de que o verdadeiro evangelho está presente graças à igreja guardiã da fé, mas a igreja está viva e presente no mundo porque é guardada por Deus por meio do evangelho de Cristo.

Referências Bibliográficas:

ALAND, Kurt. *Synopsis quattuor evangeliorum: locis parallelis evangeliorum apocryphorum et patrum adhibitis edidit.* 13.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft.1990.

BETTENSON, H. *Documentos da igreja cristã.* São Paulo: ASTE, 1963.

BOICE, James Montgomery. *Alicerce da autoridade bíblica.* São Paulo: Vida Nova, 1982.

CHARLESWORTH, James H. *Jesus dentro do judaísmo.* Rio de Janeiro: Imago, 1992.

KEE, H.C. *As origens cristãs em perspectiva sociológica.* São Paulo: Paulinas, 1983.

KITTEL, Gerhard (Ed.). *Theological dictionary of the New Testament.* Grand Rapids: Eerdmans, 1967. v.IV, VIII, IX.

LATOURETTE, K. Scott. *História Del cristianismo*. Tomo 1. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1978.

MCDONALD, Lee Martin. *The Formation of the Christian Biblical C anon*. Nashville, Abingdon Press, 1988.

NISWONGER, Richard L. *New Testament History*. Grand Rapids: Zondervan, 1988.

OTERO, Aurélio de Santos. *Los Evangelhos apócrifos: coleccion de textos griegos e latinos, version crítica, est dios introductorios y comentários*. Madrid, Biblioteca de autores cristianos, 1984.

PAGELS, Elaine. *The Gnostic Gospels*. New York: Random House, 1979.

RAMOS, Lincoln. *Fragmentos dos evangelhos apócrifos*. Petrópolis: Vozes, 1989.

ROST, L. *Introdu o aos livros apócrifos e pseudep grafos do Antigo Testamento e aos manuscritos de Qumran*. São Paulo: Paulinas, 1980.

TILLICH, Paulo. *Pensamiento Cristiano y Cultura em Occidente: de los Orígenes a la Reforma*. Buenos Aires: La Aurora, 1972.

WEILAND, J. Sperna. *La nueva teologia protestante*. Buenos Aires: Carlos Lohl , 1971.

Revista National Geographic Brasil. Abril, 2006 <http://nationalgeographic.abril.com.br/ngbonline/o>.